



antes da ordenação presbiteral. Dom Hélder era padre havia 65 anos! Ergueu-se, abriu os braços e falou para os três como se estivesse falando para uma multidão: "Meus filhos: para mim, ser padre é algo tão grandioso que tudo o mais se torna pequeno". Depois, segurando a cruz peitoral com as mãos, com mais calor ainda: "É verdade que a vida de padre é pesada, mas a vida é uma graça imensa!"

Endereço do Autor:

Colégio Pio Brasileiro
Vila Aurelia, 527
00165 - ROMA, Itália



Ao veicular através das representações discursivas um novo tipo-ideal, a Igreja de Santa Catarina em 1914 abre-se para a manutenção de uma nova ordem político-social e para a elaboração de um projeto modernizador identificado com a construção de um Estado Nacional que se opõe a qualquer tipo de realidade antagônica e heterogênea, formadora da alteridade anômala e afastada do tipo nacional. Desta maneira, marcada por este ideal, a alta hierarquia católica, na pessoa do jovem bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, colocar-se-á à frente deste projeto, realinhando as distorções sociais, confirmando a postura de uma sociedade moderna e dirigindo os indivíduos que não conseguem progredir e se afirmar na sociedade.

QUANDO CHEGA O BISPO

A Igreja em Santa Catarina e o conturbado ano de 1914

Rogério Luiz de Souza

Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina



Contados, um após outro, pode-se sentir o inexorável avanço dos anos com suas exigências e imperiosidades, dissimulando práticas sociais ou atrofiando consciências desprovidas de caráter histórico. Para recolhê-los e elevá-los à condição de realidade, faz mister, pois, lançar-se ao recôndito mundo do passado para fazer eclodir no tempo presente, segundo a parcialidade do historiador, as respostas plausíveis de uma emergência vivida por pessoas num determinado espaço e tempo. O que faz pensar que é possível, a partir da hermenêutica das fontes¹, compreender as mudanças e as construções sociais fabricadas por estas mesmas pessoas na história. Tal construção sugere uma gama de interpretações, que deverá ser orientada e alicerçada sobre uma proposta que pretende descortinar as tramas sociais e perceber a veiculação de determinadas representações discursivas que possibilitaram a manutenção de uma ordem ético-normativa.²

Desta maneira, reconduz-se o presente trabalho para o ano de 1914, momento em que se estabelece o início de um processo de mudança na perspectiva eclesiástica catarinense, com a tomada de posse do segundo Bispo Diocesano, D. Joaquim Domingues de Oliveira³, e na concepção de um novo tipo-ideal⁴, consoante à prática política da primeira República, numa preocupação de poder reconstruir e de dar significado coerente aos discursos que modelaram e formaram esse utópico e turbulento período.

Desde seus primeiros dias, o ano de 1914 mostrou seu funesto sortilégio, cristalizado, na época, pelas primeiras ofensivas aos redutos dos chamados “fanáticos” do Contestado, pela conflagração de uma guerra (primeira Guerra Mundial), pelos sentimentos de aversão ao estrangeiro e pela morte do Sumo Pontífice Pio X. Era alguma coisa eminentemente catastrófica, sem antecedentes para aquelas pessoas afeitas à mesmice “daquelas tardes fagueiras”. Era a inquietante e aterrorizante novidade. Para os florianopolitanos da época, tudo parecia ruir diante dos olhos sobressaltados.

Uma quinzena mais e o anno de 1914 fechará o seu círculo, deixando ao 1915 o campo livre para começar a escrever sua história. O temido 1913 passou-se sem a realização fúnebre de seus tremendos prognósticos. Foi manso, pacífico, sem calamidades. Ninguém diria que o 1914, se tornaria este monstro que a todos assusta e como um pesadelo horrível sufoca a humanidade.⁵



Tais circunstâncias mostravam-se como modeladoras e condutoras de uma prática social, fomentada e germinada no possível pesadelo da catástrofe. Precisava-se, pois, nutrir um espírito de esperança e de paz, calcado nas formas de ajustamento e de confiança nos poderes públicos/institucionais, isto é, na incorporação de suas representações discursivas elaboradas e veiculadas, especialmente, pela Igreja catarinense, para a instauração de uma nova ordem político-social-religiosa.⁶

Diante deste quadro atormentador, era imperativo que se buscasse segurança nas instituições que vislumbravam um futuro harmonioso e restaurador, onde as pessoas pudessem se entregar plenamente à sorte daquelas.

Mais do que nunca, era a Igreja esse artífice inculcador da nova ordem moral e das esperanças utópicas: “o escudo do homem contra o terror da anomia”⁷ e do pesadelo caótico. A sociedade não poderia continuar se sujeitando às peripécias de uma vida desordenada, se assim quisesse progredir e se definir como autenticamente cristã e responsável pelo futuro do Estado. Deveria entregar-se assiduamente ao trabalho, sacrificando-se por um ideal e por aquilo que era justo, numa construção identificadora do bom cristão e do bom súdito. O que fugisse à ordem era perigoso, resultado das mazelas de uma alteridade anômala (o caboclo da visão euclidiana e, mais precisamente, o caboclo fanático do planalto catarinense; o colono estrangeiro e o cidadão desvirtuado) e de uma anomia caótica, sem significados comuns, possíveis de integrar os agentes sociais; justificando-se, daí, a obliteração dos que se colocavam como antagonistas do projeto modernizador.

O século é de licença, de perversão moral. A sociedade é vítima de um sem numero de elementos maus... Falta de outro lado a educação religiosa, a educação do gosto, a atração do trabalho, o amor do sacrifício por um ideal, do justo que leva o homem acima, à perfeição.⁸

Novos valores eram projetados na sociedade. Um tipo-ideal começava a ser intencionalmente perspectivado: o “**honnête homme**”. Não tinha porque se distanciar ou fazer-se indiferente. Todos deveriam postar-se como arautos da legítima ordem, anunciando e denunciando os ineptos. Para isso, era preciso enquadrar-se aos dispositivos reguladores a partir de práticas ascéticas definidoras do relacionamento social, no qual a disciplina eclesiástica assumiria papel relevante na efetiva formação do caráter

nacional.⁹ De tal modo, que a própria Imprensa anticlerical da época se mostrava escandalizada com a influência dominante da Igreja sobre o comportamento dos indivíduos:

O domínio vexatório, que sobre o povo de São Pedro de Alcântara tem os padres, é indescritível. Atualmente, até os próprios proprietários de hotéis, deixam os seus fregueses sem almoço, janta e ceia, porque carolas como são, primeiramente assistem missas, confissões, sermões e doutrinas.

Nada se faz, nada se diz, nada se projecta, sem que a batina vermelha dê uma opinião, um conselho ou uma ordem. Ha sermões em portuguez e allemão; sermões para casados, para solteiros; para homens e para mulheres! Caramba; d'aqui a alguns dias, sermões até para cachorros e gatos.

*Desta maneira o fanatismo será então geral.*¹⁰

Esse quadro de coisas remete à compreensão da posição político-eclesial frente aos desvirtuamentos sociais, precisamente, quando o cronista pondera sobre a postura conselheira e ordenativa do sacerdote diante da comunidade: “*Nada se faz, nada se diz, nada se projecta, sem que a batina vermelha dê uma opinião, um conselho ou uma ordem.*”

Entende-se, daí, o fato de que a Igreja estaria exercendo efetivamente a função organizadora e gerenciadora da sociedade ao sacralizar os eventos da vida social, dando-lhes valores e exigindo práticas comportamentais, legitimadas por uma discursividade homogeneizadora correlata aos interesses governamentais. E, mais do que nunca, a Igreja e seus sacerdotes seriam estes grandes artífices “da moral, da justiça e da ordem social.”¹¹ Essa ordem corroboraria, no cotidiano das pessoas, as intenções do projeto modernizador-nacional pretendidas pela intelectualidade brasileira¹², convocando todos a assumirem a missão de fazer progredir e crescer a pátria e a religião. É o que se pode verificar, por exemplo, numa carta aberta de Frei Libório Grewe ao jornal “O Dia”, quando pede ajuda da população para as reformas da catedral:

Pois bem, amigos meus! Ajudemos ao venerando Mons. Francisco Topp no conserto da cathedral; pois esse conserto quasi total da nossa cathedral, ora terminado, é um facto

*registrado, em letras de ouro, na história da posteridade, porque significa mais um passo na estrada do progresso, do progresso da inteligência, da pátria e da religião.*¹³

Mas, é com a chegada e tomada de posse do novo Prelado¹⁴, D. Joaquim Domingues de Oliveira, em 07 de setembro de 1914, que se vai caracterizar esta postura, nitidamente conciliadora, entre Estado e Igreja, diante das idéias de um projeto modernizador.

Além disso, a chegada de D. Joaquim iria representar o resgate purificador daquela sociedade atordoada pelos acontecimentos atroz e afetada por toda espécie de ateísmo e religiosidade discrepante. É o que nos atesta o Sr. João da Lage em um de seus artigos para o jornal “A Época”, na véspera da chegada de D. Joaquim:

Aproxima-se o dia da vinda. Há um tiroteio nos ares. Nuvens de fumaça escondem pedaços da cúpula azul. Cheiro suffocante. E cada vez, mais foguetes. Música nas ruas. Arcos de Triumpho; no chão tapetes de folhas, de petalas e por toda parte o aguilhão da curiosidade. Ha um rebuliço pelos guardas-roupa. Envergam-se ternos domingueiros. Todos querem ver o principe illustre. Nas janellas, nas ruas, uma multidão. Ei-lo, o jovem e sympathico Prelado, distribuindo bençãos e sorridente. Que aglomeração! Agora não se contentam em vê-lo e ouvi-lo, querem tocá-lo beijando o anel.

Oh! como estou a ver tudo isso. O meu espírito está contente, vendo minha terra, como festiva e orgulhosa, receber a visita de D. Joaquim Oliveira, prestando-lhe dignas e merecidas homenagens.

O jovem Bispo é um espírito culto, de um trato finissimo e, ao mesmo tempo, de uma simplicidade e singeleza que encantam.

É inegável que atravessamos uma época em que se sentem os prodromos de uma profunda revolução social.

No terreno da Religião, de algum tempo a esta parte, iniciou-se uma benefica reacção contra o atheísmo importado e que, sob formas diversas, espera sua germinação e desenvolvimento. Cumpre levar adiante esta reacção agora,



*aproveitando a ardente e sincera aspiração da alma nacional que anseia por melhorar de condições.*¹⁵

Esta reação esboça-se, para o cronista, com a chegada de D. Joaquim, representante do verdadeiro valor patriótico e civilizatório das idéias do moderno sonhado:

*Um pastor edificante e um patriota abalizado; um Bispo modelo e um apóstolo dos tempos modernos; um brilhante amante da Igreja e um amante da Pátria. (...) Uma alma grande e um espírito ilustrado; um coração de peregrinas virtudes e um peito de sinceros entusiasmos a favor da Igreja, do progresso e da civilização.*¹⁶

Neste sentido, o próprio D. Joaquim, numa entrevista concedida ao "Correio Paulistano" em 22 de julho de 1914, posicionar-se-á a favor de um projeto modernizador:

*Se lhe agrada um programma moderno, ponha que amo tudo o que é bom, justo e verdadeiro.*¹⁷

Mas, é nas palavras do entrevistador que percebemos explicitamente este prenúncio de sua atividade conciliadora entre prática eclesial e programa modernizador:

Durante o interview que nos concedeu o Sr. Bispo de Florianópolis, pudemos apreciar a sua figura sympathica, de um Bispo moderno, alliando austeridade da sua missão episcopal às gentilezas que o tornam atraente.

*O amor entranhado, que s. exc. vota aos seus diocesanos, a sinceridade que o anima, quando fala de sua diocese, são prenúncios seguros de que o governo produzirá fructos de religião e progresso, para o Estado e diocese de Santa Catarina.*¹⁸

E esse prenúncio se confirmará já no primeiro dia, quando, sob os festejos da independência do Brasil, D. Joaquim tomou posse da cátedra diocesana.



Ao som das bandas musicais e de entusiasmo patriótico, numa bela manhã de segunda-feira, 07 de setembro, o povo amontoava-se pelo cais e enchia todo o jardim da praça XV de novembro à espera da embarcação que traria o seu novo Bispo. E como ressalta o cronista do jornal "O Dia", "misturavam-se representantes de elevado Poder Público ao mais humilde e obscuro operário."¹⁹

Para recepcioná-lo encontravam-se presentes o Senador Hercílio Luz, o Governador João Pinho, Dr. Lebon Regis, Dr. Nereu Ramos, Henrique Fontes, Deputados, magistrados e eclesiásticos, entre outras autoridades.

Logo depois de recebê-lo, formou-se longo préstito até o palácio Episcopal, "indo o exmo. Bispo D. Joaquim ladeado pelos senhores João Pinho (Governador), Hercílio Luz (Senador), Germano Wendhausen (Presidente da Comissão de Recepção) e Mons. Topp (Governador do Bispado)."²⁰ Ao chegarem ao palácio o Sr. Ferreira Lima fez minucioso discurso de saudação.

Mais tarde, conduzido sob o pátio, "cujas hastes eram levadas pelos Srs. Arthur Regis (representante do Governo), desembargador Navarro Seins (Presidente do S. Tribunal), cel. Pacheco Júnior (Inspetor da Alfândega), Dr. Ferreira Lima (Inspetor da Hygiene), Gustavo Silveira (Diretor do Tesouro do Estado) e cap. Samuel Guimarães (Capitão do Porto),"²¹ chegou à Catedral; e ao som do **Ecce Sacerdos Magnus** teve início a solene tomada de posse do segundo Bispo Diocesano de Florianópolis.

O espetáculo apoteótico era de uma esclarecedora eloquência, revelando os sentimentos religiosos de uma multidão e esboçando, de maneira incontestada, uma proximidade entre aquelas autoridades que determinariam as condutas dos cidadãos catarinenses em face às suas propostas modernizadoras.

Além disso, o discurso de posse de D. Joaquim atestaria explicitamente esta proposta de cooperação, frente aos desafios de uma sociedade ainda alheia aos propósitos da Nação:

Abrimos, agora, espaço de honra, para a saudação que queremos fazer, muito de afeto e especial respeito, ao mui digno Sr. Governador do Estado, cuja autoridade veneramos por ter a mesma origem divina, cujo poder desejamos ver respeitado, e obedecido, e cuja amizade pregamos, segundo



as tradições comuns a todo episcopado brasileiro.

Distintas ambas as autoridades pela natureza e pelos fins, ambas se preocupam do bem dos mesmos súditos, e é só do mútuo respeito e plena harmonia de ambos os poderes que podem provir a tranqüilidade e a segurança no trabalho e o progresso de todos quantos, sob aspectos diversos, nos foram definitivamente confiados.²²

Daí procede a idéia de que o aparelho religioso exerceria a função moralizadora e orientadora das práticas sociais, reafirmando seu caráter civilizatório: “*é só do mútuo respeito e plena harmonia de ambos os poderes que podem provir a tranqüilidade e a segurança no trabalho e o progresso.*”

Não obstante, compreendia que os súditos deveriam deixar-se guiar pelas autoridades, pois eram elas, exclusivamente, capazes de propiciar o bem comum. Essas autoridades (religiosa e política) teriam uma mesma origem, a origem divina. Portanto, toda a autoridade viria de Deus e dever-se-ia fazer o que Deus pedisse, através da Religião, herdeira dos fundamentos da lei divina. O que cabe dizer que o Bispo teria “o direito de julgar sobre as cousas que dizem com a fé e a moral, mas também o de dirigir a ação social.”²³

Assim, norteado por este pensamento, D. Joaquim se faz presente em todos os meios públicos, interferindo, influenciando e exigindo, consoante uma prática modernizadora bem definida.

Por conta disso, vai visitar o governador do Estado, os quartéis de guarnição federal, a superintendência Municipal, Escolas, Asilos, Paróquias, etc., mostrando-se sempre identificado com as autoridades e solícito no cumprimento de suas obrigações, fazendo jus à escolha de seu lema episcopal: *Qui praeest in sollicitudine.*²⁴

Mas este relacionamento vai extrapolar a esfera da formalidade burocrática. Ambos os poderes socializarão suas idéias de homogeneização e construção de uma nação brasileira num espaço reduzido a uma intelectualidade pensante. Esse espaço representaria o centro da decisão e discussão científica, política e literária, permitindo um acesso mais fácil às decisões da esfera pública, criando uma idéia de consenso entre seus integrantes e abalizando uma discursividade que deveria ser divulgada e assumida pelos membros da sociedade.²⁵



Neste sentido, o “Círculo Cathólico” abriria espaço para a produção e reprodução de determinadas idéias da intelectualidade catarinense, sob a forma de uma instituição real, capaz de ampliar e publicar suas intenções.

O “Círculo Cathólico” era uma espécie de sede das associações católicas de Florianópolis. Possuía um órgão divulgador, o jornal *A Época*, e mantinha em torno de si a intelectualidade do Estado. Ali se realizavam exposições de temas científicos, discussões políticas, exibição de filmes, musicais etc.

Partes musicais, confiadas às senhoritas, empolgaram o magestoso e selecto auditório. Terminada a parte musical, subiu à tribuna o illustre coronel Lobo Vianna. Então todos os peitos arfam, todos os corações se agitam, todos os ouvidos attentam para ouvirem a palavra eloquente e persuasiva do notável orador, que tomou para thema de sua conferência: A Fé através da História e da Legenda.

O Sr. Cel. Vianna Lobo, confiado dos fulgores de sua intelligencia e nas luzes de sua vasta erudição, soube brilhantemente desenvolver tão transcendente thema, com aquela convicção religiosa e patriótica.

Acabada a conferência, foram exibidos na tela do Cinema Círculo dois esplêndidos filmes.²⁶

Tudo era matizado em cores modernas e patrióticas, próprio daquela geração que ostentava o privilégio de ser a mensageira dos novos tempos. Era o lugar onde se veiculava a idéia de um novo sujeito e projetava-se o destino do homem em meio à decrepitude de uma guerra. Para tanto, precisava-se conciliar o progresso humano com a lei da fraternidade humana:

Ao lançar um olho sobre a sociedade hodierna, vejo, por toda parte, os mais estupendos progressos da sciencia..

O cinematographo abrevia o termo dos dramas. O Zeppelin zomba dos píncaros alpinos. O telephone e o telegrapho substituem o penoso trabalho do mensageiro e os vapores encurtam os oceanos immensos.

Entretanto, todos estes progressos da sciencia não



*conseguiriam ainda aniquilar as invasões à mão armada. Ainda não ha lugar a grande lei da fraternidade humana.*²⁷

Todavia, este espaço de harmonia social acabaria sendo criado pelas representações discursivas e requisitado pela Igreja e pelo seu representante maior em terras catarinenses, na forma de ajustamento do indivíduo desvirtuado ao projeto de modernização e de construção nacional do ser moderno.

Não era possível aceitar uma realidade antagônica e heterogênea, formadora da alteridade anômala, como aquela verificada no episódio do Contestado, alheia aos princípios do catolicismo romanizado, que se negava, ao mesmo tempo, à construção de uma estrada de ferro²⁸, grafito do progresso que ligaria rapidamente os sertões aos centros urbanos. Ou de elementos estrangeiros, que representavam um perigo constante, devido à possibilidade da anexação das terras meridionais do Brasil ao território alemão²⁹, sentida por alguns de forma ainda branda em relação à verificada no período do Estado Novo:

*O principal e mais eficaz fato dessa nacionalização será a abolição completa em nós dos sentimentos anti-estrangeiros que, com tanta cousa ruim, nos herdaram os portugueses. A Escola fará o resto, ou antes preparará eficientemente o terreno para essa nacionalização integral. Esta ao meu ver, se não dará enquanto o colono não fizer de nossa língua a sua língua materna.*³⁰

A busca do ideal nacional era a maneira de se realinhar as distorções sociais e de potencializar os indivíduos para a concretização do projeto modernizador.

Marcada por este ideal nacional, a Igreja em Santa Catarina se colocará à frente deste projeto, confirmando a postura de uma sociedade moderna e dirigindo os que não conseguem progredir e se afirmar na sociedade, consoante à visão eclesiológica da encíclica “*Vehementer Nos*” (1906) de Pio X:

*Só na hierarquia reside o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros para o fim da sociedade. Quanto à multidão, ela só tem o direito de se deixar conduzir e, docilmente, seguir os seus pastores.*³¹



Diante disso, D. Joaquim não medirá esforços, por exemplo, para consubstanciar as propostas do governo federal da primeira República, que se colocará na missão de dirigir o fluxo migratório e de fixar os estrangeiros em colônias de etnia mista, o que resultaria, segundo a proposta, num processo mais rápido de assimilação.³² Para tanto, o Bispo, logo que tomou posse da diocese, foi substituindo os padres das colônias de mesma origem étnica por outros de etnia diferente, criando, muitas vezes, atritos entre os fiéis da colônia e o novo sacerdote; o que levaria D. Joaquim a se posicionar aos reclames de forma áspera e aversa ao estrangeiro:

Sobre Acurra, aquilo é um reducto de poucas esperanças. Sacuda V. Revma. o pó das sandálias e deixe-os definhar em sua pertinácia.

*Este povo não é affecto de preceitos de nacionalidade.*³³

Era a tentativa, enfim, de conduzir o homem de 1914, a assumir uma atitude de construção nacional, que muitas vezes se oporia e resistiria ao projeto modernizador, sugerido e imposto por uma intelectualidade de políticos e de eclesiásticos que discutia e projetava a sociedade moderna. Era a potencialização de um “novo homem”, homogeneizado, cristão, trabalhador, civilizado, obediente às autoridades, honesto, virtuoso e, acima de tudo, brasileiro. O tipo-ideal de uma sociedade que pretendia escapar do pesadelo de um ano tão inseguro e conturbado como aquele de 1914, capaz de redimensionar e criar novos valores, novos sentidos e novas verdades. □

Notas

¹ Adota-se o método indiciário/interpretativo das fontes como paradigma de revelação da realidade relacional, capaz de decifrar e de reconstruir o panorama histórico. Uma recorrência nítida a GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblema, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

² Sobre a proposta teórico-metodológica, ver FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC, caderno 16, 1979; *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

³ Dom Joaquim, nascido em 1878 em Portugal, veio cedo para o Brasil, para São Paulo, onde foi ordenado Padre em 1901. Nomeado Bispo em 1914, tornou-se o primeiro Arcebispo de Florianópolis em 1927, continuando à frente da arquidiocese até 1965, quando foi sucedido por Dom Afonso Niehues. Faleceu em 1967.

⁴ O conceito de tipo-ideal não parte da perspectiva weberiana, mas da de M.



Foucault. É o sujeito criado, fabricado, inventado através das representações discursivas.

⁵A *Época*. Florianópolis, 12 de dezembro de 1914.

⁶Refere-se à construção do modelo de neocrisandade. A participação da Igreja no Estado Liberal, assumindo o papel de formadora da consciência humana. Ver LUSTOSA, O. F. *A Presença da Igreja no Brasil*. São Paulo: Ed. Giro, 1977.

Em consequência disso, não se entende o projeto modernizador, veiculado pela elite político-intelectual catarinense e a alta hierarquia católica em Santa Catarina, como o contradiscurso da doutrina tradicional da Igreja, mas, pelo contrário, como o redimensionamento do discurso católico frente a uma realidade secularizada e adepta aos preceitos do liberalismo. Tal projeto sugere a possibilidade de construção de um Estado Nacional identificado com um discurso homogeneizador que se opõe, não somente aos desvirtuamentos comportamentais, mas a um catolicismo popular entendido como rústico e supersticioso (cf. QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. *Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais: A Criação religiosa no Brasil*. In: SACHS, Viola (org.). *Brasil e Estados Unidos, religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.). Além disso, o Estado Nacional deveria estar alicerçado sobre os moldes da moral cristã, do trabalho compreendido dentro das orientações da *Rerum Novarum*, da harmonia do todo social e da infalibilidade do poder proposta também pelos positivistas, do respeito à propriedade, da obediência a um Estado religioso, único capaz de fomentar o progresso, e do bom súdito que se deixa orientar pela hierarquia da Igreja e do Estado. No que diz respeito à aproximação entre pensamento católico e pensamento positivista ver OLIVEIRA, Lúcia L. *Terra de Santa Cruz*. In: *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁷BERGER, P. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 40.

⁸Fúlvio Aducci, Secretário Geral do Estado, ao jornal *A Época*. Florianópolis, 14 de novembro de 1914.

⁹Deixa-se entrever o papel fundamental das idéias religiosas na disciplinarização das condutas sociais, respaldado no conceito de *ascese*. Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e O Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção "Os Pensadores").

¹⁰"O Fanatismo em São Pedro de Alcântara". *O Clarão*. Florianópolis, 12 de outubro de 1912.

¹¹CORREIA, A. *A Expansão da Igreja em Santa Catarina: a reação anticlerical e a questão do clero nacional (1892-1920)*. Florianópolis: UFSC, 1988, Dissertação de Mestrado (História), p. 58.

¹²Sobre o projeto nacional-modernista, ver OLIVEIRA, L. L., op. cit.

¹³*O Dia*. Florianópolis, 23 de agosto de 1914.

¹⁴Em substituição a D. João Becker, primeiro Bispo da recém criada Diocese de Florianópolis (1908), que assumira a Arquidiocese de Porto Alegre em 1912.



¹⁵A *Época*. Florianópolis, 06 de setembro de 1914.

¹⁶idem.

¹⁷A *Época*. Florianópolis, 08 de agosto de 1914.

¹⁸idem..

¹⁹*O Dia*. Florianópolis, 08 de setembro de 1914.

²⁰idem.

²¹idem.

²²Carta Pastoral saudando os diocesanos, 1914, citada por BESEN, J. A., *Dom Joaquim Domingues de Oliveira*, Florianópolis, IOESC, 1979, p. 68.

²³Sermão de D. Joaquim em comemoração à Festa do Senhor Bom Jesus. *Jornal A República*. 19 de agosto de 1934.

²⁴"O que preside, seja solícito" (Rm 12, 8).

²⁵Para um estudo da reformulação histórica da concepção de espaço público, ver HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

²⁶Homenagem do "Círculo Cathólico" a D. Joaquim. *A Época*. Florianópolis, 19 de setembro de 1914.

²⁷A *Época*. Florianópolis, 08 de agosto de 1914.

²⁸Sobre a questão conflituosa do Contestado, ver CABRAL, O. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Laudes, 1970, pp. 297-308.

²⁹Veiculação da famosa campanha do "perigo alemão", por intelectuais e jornalistas da época. Ver GERTZ, R. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1991.

³⁰José Veríssimo em carta a Crispim Mira, editado no jornal *A Época*. Florianópolis, 16 de outubro de 1914.

³¹Citado por VV.AA. *A Igreja no seu mistério/ I*. São Paulo: Cidade Nova, 1984, p. 119.

³²Cf. FOUQUET, C. *O Brasil e O Imigrante*. In: *O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, p. 102.

³³Carta ao recém nomeado Vigário de Ascurra (colônia italiana), citado por DALLABRIDA, N. *A Sombra do Campanário*. Florianópolis: UFSC, 1993, Dissertação de Mestrado (História), p. 157.

Endereço do Autor:
Ra Arthur Manoel Mariano, 1108
88106-500 São José SC